
A tecnologia e os computadores não são sexuados

3 de agosto de 2010

Entrevista a
João Almeida

Grelha e aplicação Jorge Freitas Branco

**Que recordações tem do tempo de estudante?
Porque foi para o IST?**

Foi por influência do meu pai e da família.

Ele tinha estudado no IST?

Sim. Havia outras universidades. Como tinha um interesse em robótica falava-se do ISR (Instituto de Sistemas e Robótica), pois tinha boa investigação na área e eu na altura estava mais virado para aprofundar robótica. Acabei por ir para eletrotécnica no Técnico. Nos meus tempos lá não me liguei muito à vida estudantil. Era como um trabalho. Ia de manhã, fazia as minhas aulas e vinha-me embora. Não fiquei com muitos amigos e não socializava pouco com as pessoas. Acabei por tirar o conhecimento.

Quantos anos esteve lá?

Terminei todas as cadeiras em quatro anos e meio, portanto fiz o curso em cinco.

Em que ano entrou e quando saiu, lembra-se?

Devo ter entrado em 2001/2002.

... saiu em 2007. Nessa altura, com pré-Bolonha, saiu licenciado?

Não, eu apanhei a transição. Comecei com uma licenciatura normal e no último ano apanhei a transição para Bolonha. Tive a opção de fazer uma ou duas cadeiras a mais e ficar com o mestrado.

E ficar com o mestrado um ano depois ...

Foi isso que fiz. Tive o mestrado de uma assentada: duas cadeiras e uma dissertação de mestrado em vez de fazer um trabalho normal. Foi um bocado mais difícil fazer a dissertação, mas fiquei logo com o mestrado.

É licenciado em ...?

Engenharia eletrotécnica e de computadores.



*Artistas em ação no edifício SPC, Lisboa.
Em cima um português pinta uma bandeira anarco-sindicalista e em baixo um italiano elabora uma figura mural.*

Foto: Tatiana Soares

... e o mestrado é em ...?

O mestrado também é em engenharia eletrotécnica e de computadores. O que nós tínhamos no Técnico era parecido com o sistema americano: o *major* e o *minor*. Portanto tinha um *major* em sistemas de decisão e controlo, que é o que tinha robótica e um *minor* em computadores, que é onde temos programação.

Que recorda das aulas, dos professores ...

Eu sou oriundo de uma família de professores, portanto, abordo os professores com uma perspectiva mais tolerante, porque conheço o seu lado pessoal. No Técnico, há um pouco de tudo: professores que são muito teóricos e os que são muito práticos. Há professores que já trabalharam na indústria, são mais pragmáticos, dão um tipo de conhecimentos mais prático e dão-nos exemplos da vida real. Dizem:

– Isto é teoria mas depois, na prática, vocês podem fazer isto ou aquilo.

Não são pessoas muito teóricas. E há os professores que sempre estiveram no mundo académico e vivem num mundo um bocado idealista. Há ali um jogo entre os professores que nos preparam para a vida real e os que nos preparam para a vida académica. Uns defendem mais um lado e outros mais outro.

Não identifica nenhum?

Depende do que se quer dizer com professor que tenha gostado mais. Um professor que me deu a sensação que estava a dar uma quantidade imensa de conhecimento, era de uma área a que eu não ligava – propriedades eletromagnéticas dos materiais. Esse professor para tirar qualquer dúvida, se fosse preciso, demorava um quarto de hora, meia hora. Tive bastante afinidade com o professor de robótica, porque era um tema que me envolvia. Era uma pessoa interessada em questões de inteligência artificial. Acabou por ser o meu orientador. De resto, nem me lembro da maior parte dos meus professores. Ia a todas as aulas teóricas e práticas, mas o que eu extraía era a informação. Não criei uma relação especial com um professor, porque não era fácil num curso com muitos alunos. As relações pessoais começaram a surgir mais para o fim do curso, com as turmas mais pequenas. No início são cerca de 300 pessoas num anfiteatro.

Não há espaço para se ter uma relação pessoal com um professor.

Predominavam rapazes ou raparigas?

Rapazes. Eram cerca de 295 rapazes e cinco raparigas no início. Houve uma ou duas raparigas que foram seguindo. Tive na minha parte – sistemas e controlo – um grupo de colegas que fez o curso ao mesmo ritmo que eu – uns 50 –, onde havia uma ou duas raparigas. Foram sempre muito poucas raparigas no nosso curso.

Muito masculino o ambiente ...

Sim, claro. Até nos piores sentidos: pelo barulho, pelas conversas. Foi sempre um clima muito masculino.

É capaz de explicar porque as raparigas se interessam menos por computadores?

Os computadores foram desenhados por homens para homens. Não há uma sensibilidade feminina nas máquinas. Há um grande desafio no *design* das máquinas para que se tornem mais femininas e mais apelativas ao que se considera o estereótipo feminino. As máquinas são quadradas, cinzentas e fazem operações em sequência. Têm uma visão quadrada, muito rígida, presa àqueles preceitos matemáticos do meio do século passado. Isto ainda que a primeira programadora tenha sido uma mulher, Ada Lovelace. Também este tema devia ser explorado pelas pessoas que querem pôr mulheres na ciência, e não o é. A primeira pessoa que olhou para a máquina de Babbage e para a lógica de Turing e disse isto pode fazer toda a matemática possível e imaginária, foi uma mulher.

A tecnologia e os computadores não são sexuais. O problema é que se tornou sexual, porque a sociedade assim o definiu. Convencionou-se que os homens são engenheiros e as mulheres tratam da casa.

Notava como as mulheres que entravam para engenharia sentiam grande pressão, porque era um meio com muitos homens. Claro que há engenharias que têm 50/50, outras que têm mais mulheres. As engenharias biológica, biomédica, que já não têm tanto o estereótipo da máquina, atraem mais mulheres. As mulheres – ainda que ache que isso esteja a mudar – sempre olharam para as máquinas como coisa masculina. O

automóvel, a fábrica, o computador ... O computador segue um bocado essa tradição das máquinas serem pouco importantes do ponto de vista feminino, pouco sociais.

Há que investir no *design* da máquina?

Diria que o problema maior é o *design*. A perspectiva do que um computador poderia ser, ficou demasiado presa ao que os engenheiros iniciais conceberam. E há pouca presença de mulheres em certas engenharias, porque aquele círculo se fechou. É muito difícil atrair uma mulher para engenharia eletrotécnica, porque o que se fala em engenharia eletrotécnica é que se vão montar postes de eletricidade, fazer máquinas elétricas ... E ainda que isso atraia algumas mulheres, ainda há o estereótipo daquilo ser um tipo de engenharia muito masculino. Civil é menos masculino, já tem mais mulheres. Em arquitetura são muito mais.

E química, então, tem maioria ...

Isto tudo tem a ver com o que a sociedade à volta deu como estereótipo masculino e feminino. Eletrotécnica mantém-se num daqueles que é masculino: é o electricista, é o engenheiro eletrotécnico. Mas, em computadores já há mais mulheres, embora se mantenha o estereótipo. Pelo menos no meu tempo era assim. Informática tinha homens desproporcionadamente, eu acho que continua a ser esse tal estereótipo. Interesse-me por esse tema porque acho que o sexismo na ciência não tem sentido, mas é muito forte. Contam-se os prémios Nobel de ciência, homem *versus* mulher, e é sintomático o resultado.

Certo ...

A sociedade criou um estereótipo da presença masculina e a feminina. Não se espera que uma mulher numa empresa seja líder de projetos de engenharia ou programadora, mas secretária ou financeira. Uma mulher que entra num desses meios terá que quebrar barreiras. Isso a maior parte das pessoas não quer. Seria como eu ser secretário. Teria que passar muitas barreiras e, se calhar, prefiro ir para engenharia. As mulheres que fizeram engenharia durante o meu curso eram melhores alunas, porque sentiam essa pressão. Tinham de se revelar capazes, porque estavam a lidar com o mesmo preconceito:

É mulher não percebe nada disto. Esta não percebe nada de computadores. Não percebe nada de eletricidade. Isso é trabalho de homens. É uma perspetiva ainda muito masculinizada do trabalho.

Falemos do plano de estudos. Foi adequado?

Diria que o curso está bem construído. Como é um curso de bases de uma ciência, começámos com química e física e acabámos com computadores. Ou seja, uma pessoa que sai dali sabe olhar um grupo de programa de computador, sabe ver que aquilo corre sobre uma máquina, que corre sobre uma parte eletrónica, que corre sobre átomos que são feitos de uma certa forma. Conseguimos ter um grau de entendimento profundo do sistema com que trabalhamos. Mas, na prática, isso serve para pouco.

O meu curso foi muito útil para me dar ferramentas intelectuais, principalmente as matemáticas, mas, na vida profissional, noto que o mais importante foi a exigência dos projetos. É isso que faz com que depois nas empresas peçam pessoal do Técnico. É gente que está habituada a ser espremida pela chefia. No Técnico há um bocado lavagem cerebral para ser melhor e depois chegamos a uma empresa e temos pudor de não o ser.

É uma pressão grande?

Desde o início. Na minha primeira aula de álgebra, o professor fez questão de dizer:

– Só 25% de vocês vão sair daqui como engenheiros do Técnico!

Foi um professor excelente. Não nas aulas para toda a gente, porque aí tinha de se impor a 300 pessoas, mas deu umas lições extra a que fui, era muito interessante. Numa delas, deu uma aula de mistura de álgebra e música. Mas fez aquele aviso. É uma cultura própria do Técnico. Até se houve cá fora: se uma empresa está a contratar são 13 valores para o Técnico e 15 para as outras. São muito exigentes e daí incutirem isso na cabeça das pessoas.

Não tinham tirocínio integrado no curso?

Isso nem sei o que é.

Um estágio no fim do curso.

Não. Nós saímos engenheiros. Podemos exercer de imediato a profissão. Podemos ir logo

recém-licenciados para uma empresa. Arranjei um emprego normalmente. Enviei o meu *curriculum*, contrataram-me. Comecei a trabalhar antes de acabar o curso nesta empresa onde eu estou. Não quiseram saber se tinha acabado. Queriam sim saber de experiência, das cadeiras que tinha feito e disseram:

– Nós não queremos saber disso, queremos é saber do trabalho.

Lá está, já tinha a cultura toda incutida, eram quatro anos de Técnico.

Ligaram-me da EDP a referir que eu já tinha concluído o curso e que tinham umas propostas. A maior parte das pessoas que conheço acabou por arranjar trabalho, sem estágio. No caso de eletrotecnia é muito fácil. Estágios acabam por aparecer em cursos técnicos, como nas eletrónicas. Em eletrotecnia não é preciso. Às vezes até o estágio está incluído no trabalho final de curso. Não fiz estágio.

Como começou a trabalhar?

Fiz trabalhos desde os 16 anos.

Que trabalhos?

Comecei a programar com 12. Aos 16, comecei a aprender a fazer *sites* e fazia-os para uns amigos. Vendi alguns trabalhos. Também trabalhei em campos de férias, como monitor de teatro, de canoagem. Trabalhei num clube de canoagem, no verão, para ajudar as pessoas a usar os barcos na pista de canoagem do Jamor. Já nessa altura ia tentando vender alguns *design*, mas acabei por me fixar num trabalho para a *Cátedra A Razão*, na Faculdade de Letras. Fazia *web design* e o apoio informático.

Com contrato e a tempo inteiro foi quando estava a acabar o curso. Só então me inscrevi na Segurança Social, deixei de estar a recibos verdes, passei a efetivo. Entrei *no mundo dos adultos*.

Que começou a fazer nessa empresa?

Entre como programador e continuo como programador. Nada mudou.

Que tipo de programação faz?

Faço bastantes linguagens de programação, bastantes tipos de programa. Aquilo é uma empresa que funciona com logística, porque é o braço de desenvolvimento de uma multinacional, a

Masternaut. Mas trabalham também com eventos, com computação móvel, com tecnologias. Trata-se de uma empresa pequena. Têm produtos interessantes e inovadores. Detecção de códigos de barras com telemóvel. Ligar-se à *net* e tirar um bilhete para um concerto por SMS de imagem. Ir a um evento e a credenciação ser personalizada de forma a que as pessoas à entrada, pelo meu código de barras, verificam se tenho acesso àquela sala. Dispor de uma aplicação no meu telemóvel que dá a minha posição num mapa e a família pode saber a minha localização. E outras coisas. Na prática faço CRM – *Customer Relationship Management* – que é *software* de consultoria para empresas.

Foi esta vertente criativa e de desenvolvimento da empresa, que desde logo me atraiu. Que me permite usar a linguagem de programação que quiser. Na prática, acabamos por trabalhar em sistemas de gestão internos, sistemas de estatística, de integração para empresas, o que se faz nas outras empresas de consultoria.

A sua atividade, tendo em conta a experiência, o interesse, a formação e o que atualmente faz, comparado com outro jovem da mesma idade, com condições análogas, noutra país, é diferente?

É. Principalmente no ordenado. Ganho um quarto do que ganha um francês na minha profissão e à vontade um décimo do que seria na Suécia. Nesta empresa fazemos trabalho de qualidade internacional. Muitas das vezes somos nós a corrigir o *software* francês, porque vem com problemas. Com menos pessoas desenvolvemos *software* de muito mais qualidade. Mas isso não quer dizer nada, porque se os patrões não conseguem fazer dinheiro entrar, não há ordenados.

Ganho 1180 euros, o que para o meu trabalho não é nada. Um trabalhador das obras em França ganha 2000 euros. Ou seja, eu tenho cinco anos de curso, um mestrado, muitos anos de formação profissional. Se eu estivesse em França nas obras, estaria a ganhar mais dinheiro bruto. De qualquer maneira o curso é reconhecido e tenho experiência profissional. Portanto, nada me impede de ir para outro país. Não estou satisfeito, mas conheço a realidade do país.

Tirando a situação remuneratória, sente-se contente com o trabalho, do ponto de vista intelectual? Satisfazem-te as solicitações que lhe fazem no trabalho?

As encomendas, em si, não. Sou um pouco preguiçoso e no meu trabalho quanto mais preguiçoso melhor. Porque se faz um código uma vez e volta-se a utilizar para os outros todos, ou seja, generaliza-se o código. Costuma-se dizer que um bom programador é um programador preguiçoso, porque quanto mais generalizarmos o nosso código, mais abstrato ele fica, mais se pode usar outras vezes, menos temos que escrever outra vez. Ou seja, eu escrevi um código há três anos atrás e estou a usá-lo neste momento. Se vem um cliente novo e quer fazer qualquer coisa, altera um pouco, mas basicamente é a mesma coisa. Felizmente o meu patrão tem interesse em algumas das ideias que eu apresentei e dá-me espaço para inventar.

Tenho um projeto que propus, é interessante em termos técnicos. Uso-o para me distrair. Também me autorizam a fazer trabalhos gráficos nalgumas coisas, por exemplo: os ícones para as aplicações, o *design* gráfico dos *sites*. Acabei por ter o papel do gráfico na empresa, é bom para desanuviar. Temos muita liberdade, porque é uma empresa pequena. Acredito que à medida que cresça as coisas vão ser diferentes, mas para já tenho um pouco de liberdade.

Quando diz uma empresa pequena, refere-se a quantas pessoas?

Seis. O grupo de desenvolvimento são três pessoas, mais dois patrões e uma pessoa da financeira. A empresa está a crescer bastante, mas eu trato por tu o meu patrão, ele está na sala ao lado.

É um ambiente de grande proximidade.

Sim. E mesmo as questões salariais são discutidas direta e abertamente com o patrão, o que é positivo. Por outro lado, é uma empresa bastante tranquila. Posso entrar e sair às horas que quiser, desde que faça as oito horas. E isso é ótimo, porque dá flexibilidade.

Quando estudante, interessava-se por robótica. Mas não é isso que está a fazer, pois não?

Não tem nada a ver.

E mesmo assim não está descontente?

Não, porque programação é uma coisa que faço há muito tempo. Era um passatempo desde criança.

Não se sente falhado como engenheiro?

Não, mas o trabalho que faço não é de engenheiro. Trabalho como programador. E eu fui escolhido pela minha experiência. Apesar dos quatro anos de Técnico, que foi uma mais-valia, eles também olharam para a minha experiência. A muitas das perguntas que me fizeram não saberia responder só com o Técnico.

Eram as competências adquiridas na generalidade e não só no curso?

Sim. E ainda hoje, o fundamental de programação que eu sei é da experiência que tinha. Está certo que aprendi muita coisa que não sabia antes no Técnico. Refiro-me a coisas de otimização, de matemática. Na prática, o que interessa é solucionar.

Não foi só esta empresa que me quis, também outras, porque viram que, para além de estar a acabar o curso do Técnico, também tinha experiência prática. A experiência vale muito. Especialmente na programação, porque os problemas não são os que vêm nos livros. O problema teórico aparece uma vez em dez.

Quantas horas trabalha ou dedica ao emprego por semana?

Faço questão das oito horas certas. É um direito dos trabalhadores.

Quarenta.

Faço questão de fazer essas horas. Claro que se contarmos com o tempo de ir e voltar do emprego, é mais. Mas não são mais de 42, 43. Eu demoro 10 a 20 minutos para chegar ao emprego. Gasto entre 20 e 40 minutos, por dia, em trânsito. Já gastei mais, já gastei menos, porque a empresa já se mudou duas vezes.

Não me dedico muito mais do que isso. O emprego que tenho não é esgotante. Não faço investigação para o emprego fora das horas. Portanto é esse o tempo e acabou. E se me pedirem horas extras desconto-as no dia seguinte. Apesar disso ser prática, especialmente em programação e em muitas empresas, de puxarem

dez horas numa pessoa que tem um contrato de oito, eu não faço isso. Há empresas que fazem questão de exigir isso dos empregados:

– Vocês têm que trabalhar mais, têm que dar mais no duro.

Mas isso recuso-me, porque sou um trabalhador, trabalho oito horas, pagam-me oito horas. Não vou trabalhar dez.

Gostava de ser patrão de uma empresa como a que está?

Não. Não tenho formação para ser patrão. Tenho formação para ser programador ou para ser engenheiro. Não tenho formação para ser patrão. Ia dar um muito mau patrão.

Qual a idade dos seus seis colegas, incluindo o patrão?

Um tem 30 e tal, 40, outro 29 ou 30, o patrão há-de ter 40 e muitos, 50. É uma empresa bastante jovem.

Que faz no resto do tempo? A semana são mais de 40 horas. Vai a pé para o emprego?

Não. Já fui de bicicleta. Já fui a pé, quando morava em Alvalade e a empresa ficava na avenida da República. Agora, como moro em Cabo Ruivo, e a empresa é em Telheiras, são 10 quilómetros de distância. Já fiz de bicicleta algumas vezes, mas é complicado. Então agora vou de carro. Estou a pensar voltar a ir de bicicleta, mas é preciso me mentalizar, porque são no total 20 quilómetros por dia; é puxado. Preciso de treino.

A maior parte do meu tempo é para outras coisas. A empresa acaba só por ser para me pagar o sustento. Gosto de programar, mas programo em casa, com outros temas, coisas que me interessam mais.

Até me pedem para fazer espionagem industrial. Quer dizer, é uma coisa que em Portugal se faz muito: pagar para fazer uma coisa por fora.

– Olha lá para isso e vê se consegues ver o que é que há nesta máquina. Vê lá se consegues fazer isto. Vê lá se agora consegues fazer aquilo.

Porque entre fazer um contrato de desenvolvimento ou pedir a alguém que é espertalhão ou que sabe e encara a máquina e percebe como funciona, sai mais barato pedir à pessoa para saber como funciona. Em vez de aprender a pro-

gramar, sai mais barato pagar a alguém para fazer um trabalho para nós.

É frustrante viver numa sociedade assim, mas a questão é que está construída de maneira a que essas pessoas sejam sempre promovidas e as pessoas que fazem código, que trabalham, que mantêm a cadeia a funcionar, não vão a lado nenhum. Isto é uma parte da minha atividade que eu faço mais por dinheiro. Eu gostava de ter alunos que quisessem mesmo explicações, mas na prática o que eu vejo é que não querem explicações querem código, querem trabalhos feitos.

Estou envolvido em associações sem fins lucrativos de arte *underground*, de música *underground*. Já organizei festivais de verão, integro um meio artístico muito pequeno, alternativo, com pessoas muito diversas, faço também de ator. Antes de escolher o curso, já estava envolvido em teatro, em dança e em música, mas ouvi o conselho da minha avó e do meu pai:

– É melhor seguires para engenharia e depois fazeres essas coisas, porque tens um bom trabalho.

E é verdade. Segui engenharia apesar de ter gosto por robótica. O gosto por robótica era paralelo aos outros gostos por música, por artes. Agora que sou engenheiro tenho dinheiro e tempo livre para as coisas mais criativas. As oito horas por dia dão-me dinheiro e liberdade para ser criativo e estudar música e investir dinheiro na organização de festas ou concertos ou exposições com amigos, ou com artistas, ou o que for. Fazer intervenções com dinheiro que de outra forma não seria possível. Se não fosse engenheiro não poderia fazer isto. Está claro que o meu pai me ajuda com algum dinheiro, mas nunca poderia ter organizado os dois festivais de verão que organizei. Não tiveram muita gente, mas ... E isso para mim é mais importante do que estar a fazer uma aplicação para ver quantas vendas um local de comércio fez.

Espero que consiga saldar as minhas dívidas e que atinja sustentabilidade do lado cultural. Programar é sempre programar, mas não nesta forma. A sociedade hoje em dia está demasiado focada em questões que não interessam. Perdemos horas e horas a construir *software* que não serve para nada.

Qual a programação que a nossa sociedade necessita?

Programação? Não precisa de programação, antes de desprogramação. Estamos habituados a achar que há muitas necessidades para serem cumpridas e não são assim tantas: é comida, abrigo e, no caso do ser humano, viver em sociedade com paz e harmonia.

Tenho uma visão simplista da sociedade. Olhando para as relações de trabalho, e o que elas fazem uns aos outros e como são capazes de pôr umas pessoas contra as outras, vemos que o mais importante do ser humano não está a ser alimentado nesta sociedade.

Não vejo valor numa sociedade com a especialização piramidal que temos. Olho as coisas no sentido de enganar a pirâmide e tentar fazer as coisas mais horizontais, para usar um sentido biológico ou homeostático, entre vários grupos de várias comunidades. O ser humano não está feito para lidar com mais de 150 pessoas. Não somos capazes de lidar com uma empresa de 1000 pessoas. Perdemos a seguir a vida dessas pessoas todas, perdemos uma quantidade de caras que não conhecemos numa cidade, vivemos sozinhos, porque é muita gente. Se vivemos em comunidade – eu felizmente vivo numa comunidade – as relações formam-se muito mais facilmente e dão-nos um entendimento dos problemas que conseguimos resolver. Isto é uma perspectiva anarquista. Vejo as coisas em comunidades autónomas com uma rede comum de interação, com camadas homeostáticas. Cada comunidade pode especializar-se. Mantém trocas, mas trocas homeostáticas em que não se questiona o valor. Quando estou numa cidade, faço parte de um aglomerado de pessoas, não de uma comunidade com valores comuns. Mesmo em democracia, não acho que haja um valor comum para o qual uma pessoa vote, porque cada pessoa tem os seus valores. O facto de vivermos todos tão separados uns dos outros, faz com que cada pessoa sinta a sua energia ao ponto desse individualismo se tornar o seu isolamento. As pessoas estão viradas para elas próprias por força da sociedade estar mal desenhada. Acabam por não ser capazes de criar essa ligação aos outros, de criar essas tais comunidades. Acabamos a criar uma comunidade de filatelia, uma

comunidade de columbofilia, ou uma comunidade de pessoas que fazem *flash mobs* no Terreiro do Paço. São coisas que nos unem superficialmente, porque temos essa necessidade de fazer parte de uma comunidade. É isso que seria desprogramável.

Vive em comunidade. É uma comunidade de engenheiros?

Não. Vivo numa *okupa*, uma casa ocupada que está desenhada segundo os princípios anarcosindicalistas. Não temos autoridade. As decisões são tomadas em democracia direta. Não é exigido trabalhar, nem contribuir, nem nada que se pareça. Cada um contribui com o que pode. Quase todas as pessoas que vivem connosco são sem abrigo. Algumas delas fazem espetáculos de rua – malabarismos – vão ao lixo buscar comida e quando podem trazer comida para toda a gente, trazem. Depois há um grupo que trabalha mais na casa. Eu tenho um emprego, sou o *financiamento* da casa. Acabo por cumprir uma parte dessa comunidade. Outras coisas não me preocupam tanto: há sempre alguém que pode tratar da comida, da limpeza ou da organização. A T. é *designer* faz os interiores do nosso espaço. E esta comunidade foi feita de forma a ser aberta, ou seja, nós temos uma secção de pessoas que lá vivem que estão sempre em rotação. Pessoas que vêm via *couch surfing*, chegam de todo o mundo, vêm para ajudar ou para visitar, ficam durante uns tempos, dão vida à comunidade. Já conseguimos criar a uma cultura local. Digo que vivo em comunidade, porque conseguimos construir uma comunidade que ganhou uma dinâmica.

Em média quantas pessoas são?

Diria que umas dez pessoas. Mas tem altos e baixos.

E mais rapazes ou raparigas?

Depende das alturas. Neste momento somos seis pessoas, das quais duas mulheres, mas depende. Não há um padrão estabelecido.

Referiu-se a uma cultura local ...

Ninguém tem papéis definidos, somos uma comunidade anarcosindicalista.

Definimo-nos pelas nossas relações de trabalho. A casa mantém aspeto de *layout*, que ajuda a definir as relações entre as pessoas. Não temos paredes entre os quartos, só cortinas. Ali, ouvese tudo o que é dito, e isso permite-nos isolar situações abusivas. Não há estrutura política por trás, mas o próprio *design* da casa obriga a que certos comportamentos não aconteçam. Chamo a isso a existência de uma estrutura política implícita, porque é uma coisa da qual não conseguimos fugir. Porque estrutura o nosso comportamento. Muitas destas casas são fechadas para os residentes e têm albergues para os visitantes. No nosso caso, as pessoas que nos visitam ficam connosco dentro da nossa casa, porque achamos que deste modo se reduzem os problemas. Já recebemos mais de 40 pessoas de todo o mundo e não houve um único problema. As pessoas sentem-se parte da família, incluídas no processo da casa, ou seja, começam a partilhar mais rapidamente, trazem comida, trabalham para a casa. Não se sentem excluídas da comunidade.

Como é que os visitantes vos contactam?

Pela *internet*. Há duas redes principais de hospedagem: a *couch surfing* e a *HelpX*. A *couch surfing* é troca de sofá – uma pessoa está a viajar e precisa de sítio para dormir. E a *HelpX* quando se pretende passar um mês em algum sítio a trabalhar, por comida e estada. Estamos noutras redes, mas estas são as mais ativas na *internet* e funcionam bastante bem. Chegam-nos todos os dias solicitações. Estamos, a T. e eu, inscritos e recebemos à vontade 20 pedidos diários. Somos seletivos. Enviamos um questionário para saber se a pessoa está em viagem para fazer turismo ou se está mesmo interessada em participar numa comunidade como a nossa. Estamos a construir ainda e o mais importante, é que haja o ideal de valor no trabalho que é um princípio anarcosindicalista.

Ainda que não haja autoridade, é importante as pessoas trabalharem, para a comunidade crescer.

Vivemos num prédio de quatro andares. Não daria para o manter, se todos estivessemos a dormir a um canto. É importante que haja esse tipo de consciência para a comunidade estabilizar. Acontece as pessoas com problemas sociais dizerem que esta comunidade está a fazer-lhes

bem, porque se sentem integrados e vêem o valor do seu esforço. Dou mais valor a certos trabalhos feitos dentro da comunidade, do que ao estar sentado na secretária do meu trabalho, a criar coisas que fazem parte de uma lógica que só leva à auto-destruição.

Sou engenheiro, sou programador, mas a parte que mais me realiza não é essa. É aquela em que eu estou a trabalhar em prol de uma comunidade de pessoas. A nossa ideia é sermos auto-sustentáveis e cortarmos os laços principais que nos unem à sociedade.

Já temos eletricidade, estamos a fazer uma horta. Na prática o que um ser humano exige é alimentação, abrigo e um contexto social estável. Nós conseguimos a paz e o sossego, estamos a criar o conforto da eletricidade e da água, mas a nossa ideia é ter todos os básicos controlados e continuar a ter um espaço onde as pessoas possam ser criativas.

Têm um terreno para essa horta?

Temos um espaço com 1,6 ha. É um terreno industrial. Temos que fazer tudo. Isto são projetos, são visões. Pretendemos mostrar que de um prédio sem condições, sem canalização, conseguimos fazer uma coisa de valor e de uma forma que é mais humana do que onde nós vivemos nas cidades. A cidade é muito desumanizante. Vivemos em prédios e não conhecemos as pessoas que vivem ao nosso lado. Não há um espaço comum. Havia. Havia os fóruns, havia os banhos, havia as lavadeiras no rio, havia todas essas coisas que agora não há. Para mim sair de casa, estar no meu emprego e voltar a casa sem falar com ninguém é desumanização completa do ser. Falamos abstratamente uns com os outros, com dinheiro, com mercados e com produtos, mas perdemos a capacidade de olhar-nos e falar. É difícil viver em comunidade, mas é o mais importante é a relação entre seres humanos, animais e ambiente.

Tudo isso em comunidade homeostática. É a aplicação da noção da biologia. Nós conseguimos um equilíbrio, não da estabilidade de estar tudo parado, mas de interações dinâmicas que fazem crescer o sistema e o estabilizam. Nós aprendemos mutuamente e com a aprendizagem estabilizamos o sistema, mas também trocamos informação, aprendemos e, se calhar,

criamos mais diversidade. Eu gosto da ideia de todas as pessoas terem o seu espaço como numa cidade em que possam criar esse espaço.

A cidade não permite que haja uma troca forte de interação. Acabou por se tornar num meio tão fechado que, por exemplo, eu não sei se a outra pessoa tem uma excelente biblioteca de autores gregos que eu poderia querer consultar e posso estar a perder uma coisa bastante importante ou *vice-versa*. Está fechada a porta. Aquelas portas fecham e não deixam as pessoas entrar. Na nossa casa nenhum quarto tem porta.

Como estabelecem os contactos para fora?

Nós não quisemos fechar a comunidade. A comunidade funciona dentro de uma sociedade capitalista

Que vos é adversa ...

Que nos é adversa. Felizmente a Constituição ainda nos protege. Este tipo de comunidade está a ser destruído pela Europa fora. Na minha casa anterior, era o mesmo tipo de comunidade, mas eu pagava renda e nessa situação estava sempre sendo incluído pela democracia. Felizmente a democracia ainda funciona nesse sentido. Nós podemos criar uma comunidade aberta usando a propriedade privada, ou seja, eu posso alugar uma casa um terreno e abrir a porta.

É uma coisa que ninguém faz, mas eu fiz. A porta da minha casa no nº x, da avenida Y estava aberta a todo o mundo. Isso é possível em democracia, é possível com o capitalismo. Naquele bairro a segurança aumentou. Deixou de haver assaltos pelo movimento de pessoas, havia tanta gente nas traseiras do prédio a beber, a fazer festas, que os ladrões deixaram de entrar nas traseiras do prédio. Acabaram os assaltos. Portanto, ao abrir uma porta fiz com que o prédio e os da zona ficassem mais seguros. Há muitos pressupostos que o capitalismo criou que não são verdade. Achamos que uma comunidade aberta é mais insegura. Não é. Empiricamente demonstra-se que não. Está claro que voltamos àquela questão: o que é que a estrutura do sítio em si, o contexto social, o contexto físico provoca nas pessoas? Se na minha casa formos todos viciados em heroína, quando uma pessoa chega, é natural que das duas uma: ou entra também

nesse comportamento ou se sinta oprimida e se vá embora. Isso tem a ver com a pessoa.

Os seus conhecimentos de engenheiro também são muito úteis ...

Sim, isso é uma das coisas mais curiosas. O Técnico está-me a servir mais para fazer isso do que propriamente o meu trabalho. Graças ao Técnico tenho uma perspetiva da eletricidade, da energia, da física, da química, muito mais prática. Abordo as coisas como um cientista. Ou seja, quando há um problema na comunidade as outras pessoas podem não usar o método científico, mas eu uso-o, porque é uma coisa que aprendi e funciona bem. Tento abordar as coisas racionalmente, resolver os problemas como engenheiro. Tento ver qual o problema, que soluções existem. Quando há conflitos, como se resolvem. Ler sobre psicologia, sociologia, política para resolver os problemas que é uma coisa que se aprende em engenharia. Se uma máquina tem um problema, vamos ao manual ou vamos ler o que os estudos dizem e agimos em concordância. A ironia é que sou o engenheiro da casa: faço eletricidade, fiz os painéis solares.

Estou a criar mais valor como engenheiro não no mercado de engenharia, mas na sociedade. É na minha vida privada que acaba por resultar melhor. Fiz mais *sites* úteis para associações sem fins lucrativos, porque foram gratuitos e permitiram aceder a outra forma de divulgação, do que os *sites* que faço para uma empresa que vende coisas, que ninguém precisa. Mas esse tipo de liberdade que o curso me deu é fundamental e foi o que permitiu a esta comunidade funcionar tão bem.

Apesar de haver outras pessoas – não fui a única pessoa a contribuir, está claro – a comunidade começou com um grupo de pessoas que pensava como eu, que tinha uma perspetiva mais prática, mais de engenharia, mais *mãos na massa*.

Os artistas têm uma perspetiva também muito assim, que é resolver os problemas, agarrar nos materiais e construir coisas. Sem o curso de engenharia nunca teria este tipo de liberdade. Agora essa liberdade não veio da ideologia do Técnico, veio da informação que eles me deram. Porque a ideologia do Técnico encoraja-me a estar na minha empresa de gravatinha.

A alternativa que vocês procuram na vossa comunidade assenta num alto investimento intelectual na técnica?

Sem dúvida. Por isso falo em homeostasia e não em isolamento. As comunidades falam muitas vezes em criar uma coisa à margem da sociedade. Eu não acredito nisso. É possível um equilíbrio homeostático, neste caso é o respeito. A democracia garante isso, o respeito da propriedade privada. Nós podemos ter um terreno ou uma secção do país em que se funciona em autogestão, mas em que respeitamos os códigos e as constituições do país sem problemas na nossa fronteira homeostática. Nada impede que nós façamos parte do mercado e que se aprenda também. Não acho que tudo seja mau no capitalismo, também tenho um telemóvel. As duas formas podem coexistir. Há coisas da lógica de agora que desvalorizam as pessoas, as fazem infelizes e tornam a sociedade pouco sustentável.

Sustentabilidade é a questão chave?

É uma palavra muito na moda. Preocupa-me perder o que os seres humanos construíram, porque com a poluição que nós estamos a fazer, com a quantidade de espécies que morrem, ficamos com uma perspetiva negativa, criada pelo capitalismo.

Uso a imagem do predador e da presa. Se nós tirarmos o predador da figura, a presa acaba por sobrepopoar tudo e acaba em extinção de espécies. Não podemos ser a presa sem o predador, contra-cultura sem uma cultura, alternativos sem um *mainstream*, anarquistas sem um poder. É preciso que haja uma situação em que isso esteja em equilíbrio homeostático, em que a fatia capitalista da sociedade tolere e garanta a sobrevivência das outras fatias e *vice-versa*. No meio destas diversidades que sempre foram sustentáveis, o capitalismo não está a garantir essa continuidade. Está a reduzir a diversidade. Acho que há possibilidades de afinar o capitalismo para ele não ser tão destrutivo, mas acho que tão cedo isso não vai acontecer por causa de falhas no sistema. O caso recente da BP, em que um erro devido ao capitalismo – porque foi uma estrutura capitalista piramidal numa empresa que disse: *Não me interessa fazer revisões à máquina* – fez com que a costa inteira do Golfo ficasse sem produção pesqueira, deixando

populações nativas sem sustento. Quando falo em equilíbrio homeostático não advogo a supressão do capitalismo, mas sim a instauração de uma cultura de diversidade assente no entendimento mútuo.

Que aprecia mais nos seus atuais convivas?

Aprecio sempre mais as qualidades da pessoa, mas apaixono-me também pelos defeitos, porque os defeitos têm a ver com o que a pessoa sofreu ao longo da vida. Se temos uma pessoa que veio da rua e que não trabalha para ninguém, dizemos: *é preguiçoso*. Se calhar é verdade, mas se virmos mais além e falarmos com a pessoa, e aprendermos sobre a sua história de vida, chegamos a conclusões às vezes assustadoras e olhamos para o defeito como uma marca dessa história. Não sou capaz de escolher ninguém. Todas as pessoas ali têm muito para ensinar, depende se nós queremos aprender ou não. Uma das coisas mais importantes ali e que eu só descobri quando comecei a entrar em redes de hospitalidade, foi a disponibilidade de aceitarmos uma pessoa que entre pela nossa porta. Por vezes aprendemos das pessoas que rejeitamos. Por exemplo, eu rejeito um estudante de economia que me diz que o objetivo dele é ser rico e famoso, mas se falar com ele entendo melhor porque quer ser rico e famoso. Acho que é isso que falta no dia-a-dia. Vivia longe disso até começar a receber pessoas de todo o mundo.

Quando discutem e trocam ideias? Juntam-se ao jantar e conversam?

Uma das vantagens é haver jantar comum. É importante haver refeições em comum, porque é quando as pessoas falam. Uma comunidade de seis pessoas, dez pessoas dá para sentar todos à mesma mesa e a comer as pessoas falam. Também isto tem a ver, mais uma vez, como se desenha o espaço, ou seja, se a sala permite que as pessoas estejam em círculo, que estejam a olhar-se nos olhos umas das outras. É importante não ter medo de fazer perguntas difíceis. Gosto de colocar perguntas difíceis às pessoas que chegam para desinibir, porque se não fizermos perguntas difíceis as pessoas ficam presas naquele padrão do dia-a-dia: futebol, política, estado do tempo. E as pessoas são capazes de mais.

Considera que estão a organizar uma comunidade aberta?

É aberta em todos os sentidos. A porta está aberta. Qualquer pessoa pode ir lá hoje e entrar, inclusive a polícia.

Vocês divulgam?

Temos um *site*, divulgamos os nossos eventos no *Facebook*. Isso vem da minha formação. Insisti em que houvesse um *site* e um *blog*.

Isso é trabalhoso. Há que investir algum tempo.

Mas é essencial.

Porquê?

Porque uma comunidade é aberta, mas pode não se conseguir o fluxo de pessoas. Posso abrir a porta de casa da minha mãe, por exemplo, mas se ninguém souber que está aberta, ninguém entra. E nesse sentido, haver telemóveis, *internet*, convidar as pessoas, convidar os amigos dessas pessoas é importante para entrarem, para haver circulação de pessoas. Noutros tempos podia ser diferente, porque as portas estavam viradas para a rua, agora na cidade não há maneira de abrir a porta a ninguém. Precisamos de obrigar a pessoa a subir até ao 4.º D e tocar à porta para abirmos. É ridículo, mas sem a técnica, sem os conhecimentos que eu tenho de informática, de engenharia, estaríamos muito mais encurtados. Não poderíamos ter este tipo de visão. Aliás, se eu não tivesse acedido à *internet* e conhecido estas comunidades, não teria sequer a maturidade na organização para perceber como é que estas coisas funcionam e fazer com que a comunidade resultasse. Se calhar tinha acabado com um assalto ou com algum problema. Muito disto tem a ver com a educação e com um bocado de espírito científico: ser racional, procurar e pensar se é possível abrir a porta da nossa casa. Se nós formos ver o que os estudos dizem sobre o ser humano, uma das coisas fundamentais é a reciprocidade. É que as pessoas são naturalmente recíprocas. Até os animais o são. No capitalismo cria-se um bocado o contrário. Todos são maus e eu tenho que vencer. Mas isso não é o estado natural e nem os estudos indicam isso.

Parece-lhe que o problema fundamental da nossa sociedade é a questão de não aceitarmos ou não instituímos essa reciprocidade? Qual é para si o maior desafio?

A questão fundamental não é a reciprocidade. A reciprocidade é uma consequência de outras coisas. A reciprocidade vem naturalmente se houver um contexto humanizante. Se for permitido a um ser humano o que lhe é natural. Socializar garante esse tipo de reciprocidade. O capitalismo explorou os nossos prazeres imediatos e não esse lado do ser humano. Está a sair-se mal porque nós estamos a partilhar – o caso da Wikipédia. Porque as pessoas apesar de viverem bem numa sociedade em que tudo é muito brilhante e a comida é apetitosa, continuam a querer partilhar e dar alguma coisa aos outros. Ou seja, quem desenhou o sistema capitalista foi um bocado ingénuo em relação à natureza humana, pois nunca acreditou, por exemplo, que a Wikipédia fosse possível. Isto funciona porque as pessoas colocam lá os dados. Isto é contra a lei do mercado da pior forma.

Há que repor uma situação anterior ou inventar uma nova situação, um novo contexto?

O sistema tal como está, já fez damos irreparáveis. Só devido ao instinto de sobrevivência é que isto vai sobreviver. O capital começa a ser definido com um imposto ambiental que é uma coisa que é muito comum, e que fará com que a otimização do mercado seja melhor. Mas na prática, quando integrarmos todos os danos que foram feitos até chegarmos a esse ponto, já são irreparáveis. Quem fica mal são os países do Terceiro Mundo que têm água poluída; são os países que estão em guerra, porque têm os diamantes, a coisa vai estar muito mal para os trabalhadores.

Para a continuação da vossa experiência nessa comunidade, qual o maior desafio?

Há dois desafios. Um é não ser despejado, mas isso está fora do nosso controlo. O dono do edifício ainda não apareceu. Vai passar ali o TGV. Há desafios como estes que fogem do nosso controlo. O maior desafio agora é a sustentabilidade. Fechámos o ciclo do esgoto, fechámos o da eletricidade – ou seja, temos eletricidade sustentável, o nosso esgoto já não polui – a água das

chuvas ainda não é recuperada, a sustentabilidade alimentar também é difícil. O maior desafio é fechar estes ciclos da sustentabilidade. Esse e ter lá gente para oferta cultural. Porque aquilo é uma comunidade de oferta cultural.

E qual é o maior desafio que vê na vida?

Talvez pagar as minhas dívidas e dispor de mais liberdade face ao sistema económico.

Edifício SPC (Serviço Português de Contentores, S. A.) ao antigo apeadeiro de Cabo Ruivo, Lisboa, onde se formou em fevereiro de 2010 a comunidade SPCCultura.

Foto: Tatiana Soares

